

*Da usina de açúcar ao  
topo do mundo do futebol  
nacional: trajetória de um  
jogador de origem  
operária*



## DA USINA DE AÇÚCAR AO TOPO DO MUNDO DO FUTEBOL NACIONAL: TRAJETÓRIA DE UM JOGADOR DE ORIGEM OPERÁRIA

### RESUMO

O artigo propõe-se a examinar a trajetória do ex-jogador Ramon, egresso da usina de açúcar Trapiche, em Sirinhaém, Pernambuco, que jogou no Santa Cruz, no Internacional, no Vasco e foi pré-convocado para a seleção brasileira do fim dos anos 1970. Esta trajetória pode contribuir, de forma comparativa com outras, para iluminar as características dos jogadores egressos do futebol praticado em fábricas e outras empresas, registradas e analisadas na literatura especializada. Trinta anos após estudar os operários desta usina para *O Vapor do Diabo; o trabalho dos operários do açúcar*, o encontro com Ramon no quadro de atividades do Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), para uma das quais fui convidado, desencadeou algumas entrevistas com ele, compartilhadas por pesquisadores do referido núcleo. Tal encontro propiciou o exame mais detalhado de aspectos entrevistados naquele estudo anterior sobre o universo das usinas de açúcar, assim como em ensaio sobre a trajetória do ex-tecelão Garrincha.

### PALAVRAS-CHAVE

Operário-jogador; Futebol de fábrica; Usina de açúcar; Futebol profissional; História de vida de jogador profissional.

José Sergio Leite Lopes<sup>1</sup>

DA USINA DE AÇÚCAR AO TOPO DO  
MUNDO DO FÚTEBOL NACIONAL:  
TRAJETÓRIA DE UM JOGADOR DE  
ORIGEM OPERÁRIA

Trata-se neste artigo de examinar a trajetória do ex-jogador Ramon, egresso da usina de açúcar Trapiche, em Sirinhaém, Pernambuco, que jogou no Santa Cruz, no Internacional, no Vasco e foi pré-convocado para a seleção brasileira do fim dos anos 1970. Sua trajetória pode contribuir, de forma comparativa com outras, para iluminar as características dos jogadores egressos do futebol praticado em fábricas e outras empresas, registradas e analisadas na literatura especializada. Trinta anos após estudar os operários dessa usina para *O Vapor do Diabo: o trabalho dos operários do açúcar*,<sup>2</sup> o encontro com Ramon no quadro de atividades do Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), para uma das quais fui convidado, desencadeou algumas entrevistas com ele, compartilhadas por pesquisadores do referido núcleo.<sup>3</sup> Isso, por sua vez, propiciou o exame mais detalhado de aspectos entrevistados

---

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional – UFRJ.

<sup>2</sup> LEITE LOPES, J. S. *O Vapor do Diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978 [1976].

<sup>3</sup> O encontro com Ramon ocorreu numa mesa redonda do seminário Futebol e Globalização, realizado pelo referido núcleo em maio de 2006, na Fundação Joaquim Nabuco (1ª sessão) e no Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da UFPE (demais sessões). Cf. MORAIS, J. V. de; RATTON, J. L.; BARRETO, T. V. Futebol, cultura e sociedade: contribuições para uma sócio-antropologia da bola; e De Serinhaém para o Recife e o Brasil: a trajetória do artilheiro Ramon, do Santa Cruz. *Estudos de Sociologia*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 14, n. 2, p. 11-16 e 219-222, jul.-dez. 2008. Neste artigo, serão utilizados o depoimento dado por Ramon neste número da revista *Estudos de Sociologia*; e as entrevistas feitas com ele por mim mesmo, Jorge Ventura e José Luiz Ratton na UFPE em 18/01/2007

naquele estudo anterior sobre o universo das usinas de açúcar, assim como em ensaio sobre a trajetória do ex-tecelão Garrincha.<sup>4</sup>

No retorno a áreas de pesquisa que haviam sido objeto de investigações de dissertações e teses nossas, a saber, áreas onde se desenrolavam relações sociais em usinas de açúcar e em fábricas têxteis, e suas localidades adjacentes, pudemos continuar a aprofundar a investigação em uma delas e não em outra.<sup>5</sup> As fábricas têxteis de Pernambuco situavam-se no centro de bairros e de cidades criados ou em grande parte influenciados por essas grandes empresas.<sup>6</sup> Essas fábricas poderiam ser vistas analiticamente como que se fossem extensões do modelo da *plantation*, em particular o controle da força de trabalho por meio da moradia e da vida social local como um todo, tornando-se, como nas usinas, o governo de fato da localidade. Várias cidades, como Paulista, Escada, Moreno, Camaragibe, cresceram em torno dessas fábricas, tornaram-se sedes municipais e, progressivamente, diversificaram-se socialmente, umas mais que outras. As condições de possibilidade de maior autonomia na presença de pesquisadores no caso das cidades têxteis eram maiores do que nas aglomerações açucareiras. Tal diferença de possibilidades de pesquisa entre as localidades têxteis, por um lado, e as açucareiras, por outro, se acentuou no intervalo de trinta anos. No interior das primeiras, reunimos condições para

---

<sup>4</sup> Cf. LEITE LOPES, J. S.; MARESCA, S. A Morte da Alegria do Povo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, ano 7, n. 20, p. 113-134, out. 1992.

<sup>5</sup> Refiro-me ao fato de ter estado como professor visitante no PPG de Sociologia da UFPE entre março de 2003 e março de 2006 e ter podido voltar a desenvolver um trabalho de pesquisa junto a trabalhadores têxteis e suas famílias, com Rosilene Alvim, com os quais havíamos tido contato desde 1976. Já o acesso aos operários do açúcar, que eu havia pesquisado entre 1972 e 1975, tornou-se mais difícil devido ao fato do sindicato dos trabalhadores industriais do açúcar ter uma diretoria em 2005-06 que era totalmente impermeável à pesquisa. A entrada favorável que tivemos no universo açucareiro se deu agora através da Federação dos Trabalhadores na Agricultura, que representa os trabalhadores rurais, e que controla a cooperativa Harmonia da usina Catende autogerida, com participação também dos operários desta usina.

<sup>6</sup> Cf. ALVIM, R. *A Sedução da Cidade: os operários-camponeses da fábrica dos Lundgren*. Rio de Janeiro: Graphia, 1997; e LEITE LOPES, J. S. *A Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade das Chaminés*. São Paulo/Brasília: Marco Zero/Ed. da UNB/CNPQ, 1988.

a realização de um documentário baseado em entrevistas com personagens que, na sua maioria, nós conhecíamos há cerca de trinta anos.<sup>7</sup> Já a entrada nas áreas de usinas açucareiras se apresentava mais difícil. A receptividade sindical e associativa aumentou nas áreas têxteis e diminuiu nas de usinas açucareiras, no que concerne às suas partes industriais.

Foi nesse contexto que o encontro com o ex-jogador Ramon da Silva Ramos forneceu a ocasião para que pudéssemos, por vias indiretas e transversas, por meio do interesse de pesquisa, ter acesso àquele universo diverso, no diferente mundo do futebol.

Ramon é produto da minoria de jogadores que conseguiram ingressar no mundo do futebol profissional, tendo por origem o futebol de fábrica, organizado nas usinas açucareiras. Sua entrada no time principal do Santa Cruz, que aconteceu no início dos anos 1970, ecoava nos depoimentos de jovens operários que tive a oportunidade de recolher em pesquisa de campo no início de 1972, no próprio clube da usina. Fazia pouco menos de quatro anos que Ramon tinha deixado a vila operária da Usina Trapiche, no município de Sirinhaém, aos dezessete anos de idade, para tentar a sorte no Santa Cruz do Recife, aceitando convite do novo técnico dos juvenis do clube, Dario de Souza, que havia pouco tempo sido técnico do clube da Usina.

Ramon repetia, de forma precoce, o que acontecia no mercado de trabalho fechado das usinas de açúcar: o fato de os operários, em especial os de maior qualificação e fidelidade, serem chamados por antigos chefes de seção para fazerem parte de suas novas equipes em usinas para as quais se deslocaram, com chances de emprego, condições de trabalho e salário bem superiores às que teriam se tais trabalhadores fossem se apresentar espontaneamente pedindo vaga. Só que o passo que ele estava dando era equivalente ou superior ao dos poucos operários do açúcar que, por sua qualificação, fossem chamados a trabalhar numa fábrica urbana não açucareira, como por

---

<sup>7</sup> TECIDO MEMÓRIA. Produção e direção de Sergio Leite Lopes, Celso Brandão e Rosilene Alvim. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. DVD (70 min), son., color.

exemplo, nas oficinas ou na construção civil das fábricas têxteis. Nesse período, o futebol profissional já estava consolidado como grande campo profissional potencial para os filhos de trabalhadores em geral e para alguns egressos das fábricas com vilas operárias, bairros ou cidades anexas, como havia sido o caso de Domingos da Guia, nos anos 1930, egresso da fábrica Bangu no subúrbio do Rio de Janeiro, ou de Garrincha, criado no distrito de Pau Grande de Magé, Rio de Janeiro, numa fábrica da Companhia América Fabril, nos anos 1950. Quando da vinda de Ramon para o futebol profissional, o Brasil já era bicampeão do mundo e seu futebol era dos melhores.

A literatura brasileira em Ciências Sociais e História, tanto pelo lado do tema da classe trabalhadora quanto pelo lado do tema do futebol, assinala e, através de algumas obras mais específicas, analisa, o fenômeno do futebol de fábrica ou de empresa, assim como a existência de operários-jogadores ou atletas-empregados.<sup>8</sup> Também na literatura internacional correspondente o fenômeno é apreciado.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Entre esta literatura crescente, pode-se citar o trabalho pioneiro de GUEDES, S. L. Subúrbio: celeiro de craques. In: DA MATTA, R. et al. (Orgs.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Pinakothèque, 1982; bem como especificamente ANTUNES, F. M. O futebol nas fábricas. *Revista USP - Dossiê Futebol*, São Paulo, n. 22, p. 102-109, jun.-ago. 1994.

Em tese recente de Marta Ciocari, em que é feita uma monografia de uma comunidade de mineiros de carvão no Rio Grande do Sul, no capítulo dedicado ao futebol praticado pelos mineiros, são analisados clubes de empresa e seus operários jogadores, mas também a existência paralela de times de famílias de mineiros. Cf. CIOCCARI, M. R. *Do gosto da mina, do jogo e da revolta*. Um estudo antropológico sobre a construção da honra numa comunidade de mineiros de carvão. 2010. 503 f. Tese (Doutorado em Antropologia)-Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010). Na tese de Rosângela Pimenta, o futebol amador e de pelada praticado em bairros do Recife (incluindo um campo em ex-vila operária de fábrica) é comparado ao jogado na área rural de Sobral, no Ceará. Ver: PIMENTA, R. *Desvendando o jogo: futebol amador e "pelada" na cidade e no sertão*. 2009. 213 f. Tese (Doutorado em Sociologia)- Programa de Pós Graduação em Sociologia, UFPE, Recife, 2009).

<sup>9</sup> Para citar algumas referências internacionais. Cf.: HOLT, R. *Sport and the British, a modern history*. Oxford: Clarendon Press Oxford, 1989 (em particular Capítulo 3: Living in the City: Working-class Communities, e La tradition ouvriériste du football anglais. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 103, n. 1, p. 36-40, 1994; BEAUD, S. e NOIRIEL, G. L'immigration dans le

O jovem Ramon encarnava, em meados dos anos 1960, uma boa realização da utopia da boa usina, isto é, aquela que procura proporcionar o aprendizado dos filhos dos operários e organizar a vida social local para além das enormes jornadas de trabalho nos períodos de safra e da diminuição drástica da renda dos trabalhadores na entressafra — com exceção dos artistas, que são os operários de manutenção que reconstróem a usina neste período de recesso da produção açucareira direta. Ramon era um dos cinco filhos do farmacêutico-prático da usina, que, na ausência das escassas visitas do médico, era responsável pelo atendimento de saúde mais imediato dos trabalhadores. Cresceu entre os demais filhos de operários com uma inserção mais segura no mundo da usina em virtude da atividade do pai, que fazia com que sua posição social se situasse um pouco acima da dos operários comuns e o tornasse um empregado da administração da usina.<sup>10</sup> A adolescência de Ramon, após sua infância de menino ou moleque de engenho (usufruindo das brincadeiras nos recursos naturais da propriedade, como os banhos de rio, a pesca, os animais), à qual não faltou a escola primária da usina, é beneficiária dessa utopia da boa usina — continuando, sob novos moldes, a utopia do bom engenho. O usineiro de então incentivava a entrada de filhos de trabalhadores no aprendizado

---

football. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, v. 26, n. 1, p. 83-96, 1990; Pierre Arnaud (Org.), *Les origines du sport ouvrier en Europe*. Paris: L'Harmattan (1994), 312 pp.; e RENAHY, N. De l'appartenance ouvrière à la représentation territoriale: le cas d'un club de football amateur en milieu rural. *Ethnologie française*, XXXI-4, p. 707-715, 2001. Disponível em: <<http://www.wearefootball.org/dossier/86/lire/le-football-lacampagne/>>. Acesso em : 3 de fevereiro de 2010.

<sup>10</sup> “Eu sou natural da Usina Trapiche, Sirinhaém. E iniciei [minha carreira] como atleta de futebol exatamente na Usina Trapiche. Meu pai era o responsável pelo atendimento médico na Usina e cuidava dos atletas. Naquele tempo, tinha um campeonato das usinas. Na Usina Trapiche, ele era responsável pelo tratamento dos atletas do Rosário Esporte Clube. E eu acompanhava todo esse movimento ainda criança. E o meu lazer, a minha brincadeira era exatamente no campo da Usina, que é um campo aberto. E eu me juntava ali [com] os meus amigos. E era bate-bola o dia todo. Na hora em que eu não estava estudando, estava lá com a minha bola junto com os meus amigos. Isso, ali, na faixa de 13, 14 e 15 anos”. Cf.: RAMOS, R. da S. Depoimento. *Estudos de Sociologia*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 14, n. 2, jul.-dez. 2008, p. 223.

na fábrica, nos escritórios como office-boy ou na oficina de manutenção, assim como na escola, na banda de música da usina e nos clubes de futebol mantidos ou incentivados pela empresa.<sup>11</sup> Certamente, o acesso a esses lugares era facilitado pelo pequeno capital social de origem dos rapazes, e o jovem Ramon, para além de seu empenho e carisma expressivos, contava, sem disso necessariamente saber, com a posição de prestígio relativo do pai no mundo da usina. De fato, Ramon participava de três atividades simultâneas de formação na usina: a de aprendiz de torneiro, profissional de prestígio na usina e no setor metalúrgico em geral; a de músico na banda mantida pela empresa; e como jogador de futebol no time da usina.

As atividades de aprendizado direto dos jovens filhos de operários na usina era sinal que essa ia bem e tinha perspectivas de futuro para a reprodução de sua força de trabalho, dando aos operários um provável futuro favorável. Além disso, podia compensar, nas apreciações subjetivas dos trabalhadores, suas difíceis condições de trabalho, pelo fato de a empresa apresentar-se como uma escola de trabalho, tanto para o mercado de trabalho das usinas quanto, eventualmente, para outras empresas industriais nas cidades em torno da área metropolitana da capital do Estado. Para isso, eram bem habilitados os operários das oficinas das usinas, verdadeiros metalúrgicos do açúcar, paradoxalmente concentrados numa fábrica em meio rural.<sup>12</sup> E

---

<sup>11</sup> “Uma das coisas boas que aconteceu na nossa vida foi que o doutor Marcelo Carneiro Leão, o gerente geral da Usina, exigiu que todos os filhos dos funcionários da Usina trabalhassem lá. Então trabalhei na Usina como aprendiz de torneiro, passei pelo almoxarifado, passei por aquele trabalho do escritório da Usina, com o controle que você tem da chegada da cana, pesagem, essas coisas todas, tava aprendendo aquilo ali, trabalhei em vários setores da Usina. E isso foi uma das coisas que me disciplinou muito pra vida, porque a gente era obrigado a entrar sete horas da manhã no trabalho, passar o cartão, pra não perder a remuneração no final da semana” (Entrevista a Leite Lopes, Ventura e Ratton, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE em 18/01/2007).

<sup>12</sup> Paradoxalmente os operários qualificados de manutenção nas usinas de açúcar, que são fábricas em meio rural, estão presentes em maior proporção do que os profissionais que lhes são correspondentes na maioria das fábricas urbanas. Isto se dá em virtude das características sazonais da produção agrícola – do fato da planta industrial ter de localizar-se próxima ao produto em razão da perda rápida de suas propriedades químicas e da



assim, o aprendizado nas usinas concentrava-se nas profissões das oficinas de manutenção dos equipamentos de produção e transporte (além dos metalúrgicos, os carpinteiros e pedreiros); ou ainda nos escritórios.

Mas não somente as oficinas da usina se constituíam na escola de trabalho. As atividades não produtivas, mas de prestígio para as empresas, como as bandas de música e o futebol, também serviam nas usinas como espaços de preparação inicial profissional.<sup>13</sup> Por outro lado, essas instâncias constituíam-se em dispositivos nos quais se atualizavam e se potencializavam os prestígios e o pequeno capital social entre os trabalhadores naquele mundo de quase-instituição total.

Assim, foi por meio da música que o primeiro presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar — dos operários das usinas de açúcar e não dos trabalhadores rurais canavieiros, que tiveram sua sindicalização legalizada e permitida somente trinta anos após os primeiros —, fundado no início dos anos 1940, pôde ter oportunidade de trabalho numa usina açucareira e subir na sua hierarquia interna.<sup>14</sup> As bandas gozavam

---

sobreutilização dos equipamentos durante a safra — exigindo assim a presença de uma grande equipe de operários de manutenção para os consertos durante a safra e a grande reforma da usina (chamada de *apontamento*) durante a entressafra.

<sup>13</sup> “Mas quem jogava futebol - nesse tempo eu já estava no futebol e na Banda de música da Usina - saía meia hora antes, às vezes para o ensaio da banda, às vezes para o futebol, mais vezes no futebol. E em seguida ia em casa, era um pão com leite, com ovo e tal, e caminhava meia hora pra estudar no colégio Nossa Senhora da Graça. Voltava depois de ônibus, a Usina mandava o transporte para os filhos dos funcionários da Usina na volta, porque ia voltar por volta de onze horas da noite, era até um certo risco a gente voltar a pé. Depois sete horas da manhã tinha que entrar novamente no trabalho. Então foi uma das coisas que na fase de adolescência disciplinou pro horário, por conta disso, tinha aquela obrigação com o trabalho, com o futebol e com a Banda de música e com o estudo” (Entrevista de Ramon a Leite Lopes, Ventura e Rattton, em 18/1/2007, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE).

<sup>14</sup> Seu pai foi contratado como músico de sopro da banda da usina e como seu filho jovem também tocava, foi aproveitado como operário para reforçar a banda de música. Assim, entrou Diógenes Wanderley no mundo da usina como operário, subindo posteriormente na hierarquia. Foi presidente do sindicato em 1941, quando já era mestre geral de uma usina no município de Escada.

de forte prestígio nas usinas (e outras fábricas) durante a primeira metade do século XX.<sup>15</sup> O fato do usineiro da Trapiche estimular a banda ainda nos anos 1960 era uma tentativa de manter tal tradição, que, quando de minha pesquisa de campo nesta usina em 1972, já estava em declínio.

O futebol, no entanto, mantinha-se com toda força. Quando me apresentei à vila operária da Usina Trapiche para fazer trabalho de campo, numa localidade sem hotel ou hospedaria, nem mercado de aluguéis independente da empresa, uma das possibilidades de hospedagem era o alojamento dos jogadores no clube da usina. A existência desse alojamento se explicava pelo fato de uma parte importante dos atletas do time ser constituída de jogadores semi-profissionais que vinham de fora da área, mostrando a existência de um mercado de jogadores que circulavam entre clubes de usina e outros times de divisões inferiores do futebol estadual. Sendo jogadores jovens e solteiros, moravam nesse alojamento coletivo, à semelhança dos trabalhadores também jovens e solteiros, geralmente trabalhadores safristas, que residiam nos, ironicamente designados, *castelos* feitos para eles nas usinas e engenhos. Alguns desses jogadores, passados períodos de experiência, poderiam tornar-se operários, para assim garantir um emprego que lhes assegurasse meios de subsistência para estarem presentes nos jogos do time da empresa.

O operário-jogador gozava de regalias relativamente ao trabalhador comum. Ele tinha parte de sua jornada de trabalho

---

<sup>15</sup> O compositor e maestro de banda Anacleto de Medeiros foi maestro da banda da Fábrica Bangu, no Rio de Janeiro. O compositor de frevos Hugo Martins pertenceu à banda de música da Fábrica de Tecidos de Rio Tinto, na Paraíba. Além de formar músicos, as bandas de fábrica também contratavam músicos formados e de importância no mercado de músicos. Uma ilustração da importância das bandas no universo das fábricas e minas de carvão na Inglaterra é mostrada no filme inglês *Brassed Off*, que retrata a participação de uma banda de mina no concurso nacional de bandas na Inglaterra, acompanhando o paralelo entre a subida da banda no decorrer das provas do concurso e o contexto da grande greve dos mineiros dos anos 1980 e da destruição do setor pelo governo inglês de então. (*Brassed Off* - filme inglês do diretor Marc Hermann, de 1999; título de lançamento do filme no Brasil: "Um toque de esperança", produção Chanel Four e Miramax).

colocada à disposição dos jogos e treinos do time da empresa, de uma forma, geralmente, considerada legítima pelos outros trabalhadores, dada a sua finalidade. Em seu relato, Ramon menciona o horário diário dos treinos, assim como as viagens para jogar contra times de outras cidades e ainda se refere ao prestígio que passou a ter como atacante ascendente da equipe, chamado por seu apelido caseiro e afetivo de Neguinho.

Na pesquisa que serviu de base ao livro *O Vapor do Diabo; o trabalho dos operários do açúcar*, entrevistei um operário que trabalhava como pintor nas tarefas de construção civil na usina, admitido como trabalhador como atividade complementar para sua subsistência como jogador de futebol recrutado para o time da empresa. Vindo da área metropolitana do Recife, esse jovem jogador acabou se casando com uma filha de um trabalhador local e se fixando na área por meio de sua atividade de pintor. Passado o período de juventude, em que as regalias e o prestígio de operário-jogador ou jogador-operário terminavam, quando findava a faixa de idade em que ele se mantinha ativo representando o time da empresa no campeonato de futebol das usinas, ou em outras disputas entre clubes, o encanto do operário-jogador se transformava na rotina do trabalho operário não estrategicamente qualificado, e a visão crítica de sua trajetória na usina suplantava o entusiasmo inicial do operário-atleta. É aí que entram em cena a usura e desgaste das jornadas de trabalho e da perspectiva da instabilidade do emprego ou da perda da casa na vila operária quando da aposentadoria.<sup>16</sup> Também participam desta visão crítica os ex-jogadores nativos da própria área que não chegaram a se tornar estratégicos aos times — a ponto de ser contratados como operários estáveis da usina — e que terminaram complementando sua subsistência seja como *serventes* nas safras da usina e desempregados na entressafra, seja com trabalhos esporádicos na própria manutenção da infraestrutura do clube. Foi de alguns desses jogadores e trabalhadores instáveis, que não chegaram ao estatuto nem de operário fixo nem de jogador titular e, assim, muito menos ao de operário-jogador, de onde provieram formulações fortemente críticas às

---

<sup>16</sup> Cf. referências à organização do lazer pelas usinas através do futebol em LEITE LOPES, J. S. *O Vapor do Diabo, op. cit.*, p. 179-180 (capítulo 4).

possibilidades de trajetória dos operários do açúcar consideradas legítimas.<sup>17</sup>

O caso de Ramon era distinto. Ele era filho de um trabalhador local, que não precisava morar no alojamento dos jogadores, pois morava com os pais em casa da vila operária. Já estava sendo encaminhado para ser um dos operários-jogadores ou jogadores-operários da usina, visto que, paralelamente à prática do futebol, era aprendiz de torneiro nas oficinas. Ramon tinha a seu favor várias circunstâncias que o conduziram a seu aproveitamento no futebol profissional. Vários operários-jogadores eram instados a tentar a sorte nos clubes de primeira divisão do futebol, mas pouquíssimos acabavam fazendo carreira como jogadores profissionais no primeiro escalão do futebol. Sabe-se, por exemplo, que Garrincha teve sua indicação decisiva para o futebol profissional feita por um ex-jogador do Botafogo que servia de olheiro para o clube. Antes disso, ele havia feito testes em outros dois grandes clubes cariocas sem ter sido aproveitado. Ramon levava uma vantagem em relação a Garrincha: seu olheiro fora o seu próprio treinador no clube da usina, e era ele próprio, como treinador dos juvenis do Santa Cruz, que o chamou para ser testado no seu time. A relação entre Ramon e o técnico do clube da usina seguia o mesmo padrão que alimentava o peculiar mercado de trabalho dos operários do açúcar entre as diversas usinas: o chefe de seção ou de setor que se transferia para outra usina chamava seus subordinados e homens de confiança, que se colocavam na nova usina e na nova vila operária com salários superiores.

Quando o treinador do clube da usina foi contratado como técnico dos juvenis do Santa Cruz Futebol Clube, logo chegaram rumores no seu clube anterior de que ele chamaria Ramon para jogar no clube profissional. Ramon não esperou muito, acabou se precipitando e indo ele próprio em direção ao clube do Recife para apresentar-se e ver confirmado o convite. A pequena viagem de Ramon de Sirinhaém a Recife, de ônibus, é contada em seu depoimento com muitos detalhes, sob a forma encontrada em relatos de jovens trabalhadores que se aventuram a buscar

---

<sup>17</sup> Cf. as considerações que circundam a nota 13 em: *Ibid.*, p. 15.

trabalho em São Paulo e depois têm o que contar na volta.<sup>18</sup> Ele combinara com um amigo de usina, namorado da irmã, que já havia ido a Recife, para acompanhá-lo e ajudá-lo a achar o caminho; este amigo, no entanto, descumpriu o combinado e não apareceu na hora da viagem. Ramon seguiu sozinho e pediu informações ao trocador de ônibus sobre como proceder após ser deixado no ponto final do trajeto intermunicipal. Seguiu a pé em linha reta para não perder o caminho de volta à Rodoviária e andou até ter informações suficientes para entrar no ônibus que lhe levaria ao bairro do Arruda, onde se encontrava o clube. Assim procedendo, Ramon quase que inverteu a sua situação, antes favorável para bem desfavorável, segundo o preceito conhecido em seu próprio mundo pelo qual a posição do operário chamado para trabalhar em outra usina é muito melhor do que a daquele que vai pedir emprego. Felizmente para ele, seu ex-técnico confirmou que iria mandar buscá-lo, mas que ainda não tivera tempo para isso. Mesmo assim, o sucesso no ritual do primeiro treino e do primeiro jogo é sempre importante. Ramon marcou gols no primeiro treino e no primeiro jogo, o que o confirmou no time juvenil, pois tinha dezessete anos, e logo depois entre os chamados então “amadores” (ou o time reserva, com participações na equipe titular).

Em contraste, os feitos de Garrincha tiveram de ser mais espetaculares, pois ele tinha menos suporte nas suas indicações para o clube: são conhecidos os dribles em Nilton Santos no primeiro treino e o bom aproveitamento no seu primeiro jogo pelos titulares. O fato de Ramon ter um capital social de origem na usina mais importante que o de Garrincha na fábrica de Pau Grande, e estar assim na posição de aprendiz de torneiro, frequentar a escola secundária religiosa da cidade de Sirinhaém, participar da banda de música e do time de futebol da empresa, parece ter feito sua inserção no clube de futebol profissional ser por ele encarada como uma escolha a ser trilhada com a disciplina que deve fazer parte do *habitus* do atleta. A esse respeito, ele ressalta sua experiência com a disciplina no mundo da usina como importante para a vida de jogador profissional.

---

<sup>18</sup> Cf. LEITE LOPES, J. S. e ALVIM, R. Uma autobiografia operária: a memória entre a entrevista e o romance. *Estudos Avançados*, v. 13, n. 37, p. 105-124, dez. 1999.

Também a presença da sua família de origem no início e no decorrer de sua carreira profissional fez com que Ramon se aproximasse mais do modelo da trajetória de Pelé que do seguido por Garrincha, apesar de este ter ido para o clube de futebol, como Ramon, direto do mundo da fábrica. A família foi a principal referência de Ramon quando de suas voltas para casa na vila operária da usina, em dias de folga ou de férias. Já com suas antigas amizades na usina acaba por haver um distanciamento devido à sua nova condição de atleta profissional: solicitado a participar em jogos locais, ele teve de se esquivar em nome do risco de contusões, assim como evitar o padrão do lazer masculino jovem da boemia na zona de prostituição e do abuso do álcool. Por outro lado, a ida freqüente de seu pai para assistir aos jogos e estar com o seu filho em Recife lhe dá um apoio importante em seu início de carreira. Quando Ramon assinou seus primeiros contratos, já no time titular, ele passou a visar a compra de imóveis para sua família e para si, tirando o pai da situação desfavorável comum aos operários e empregados de usina e suas famílias, representada pela iminente perda da casa da vila operária em que moravam quando da aposentadoria do pai operário e da inexistência de filhos trabalhando na usina para a manutenção da casa.

Como jovem atacante, Ramon teve sua carreira favorecida por sua inserção num time que estava iniciando uma fase de hegemonia no futebol pernambucano, com o pentacampeonato do Santa Cruz entre 1969 e 1973. Manteve-se em evidência como centro avançado ou segundo atacante, estando com freqüência na artilharia dos torneios que disputa. Outro fator que impulsionou sua carreira foi a constituição desde 1971 do campeonato brasileiro de futebol de clubes, antes inexistente em escala nacional. Ali, então, o Santa Cruz disputou nos seus primeiros anos na condição favorável de campeão pernambucano. Em 1973, último ano do pentacampeonato do Santa Cruz no torneio pernambucano, Ramon foi o artilheiro do campeonato brasileiro.

Com sua efetivação no time titular, Ramon consolidou suas amizades adquiridas desde seu período de três anos nos juvenis. Com um desses amigos, o goleiro do time, passou alguns dias de férias em Jequié no interior da Bahia, lugar de origem do seu amigo. Foi quando iniciou um namoro com a irmã do goleiro, o que resultou em casamento. Na seqüência, o casamento começou a dar problemas em virtude da crescente insatisfação da jovem

esposa com a situação estrutural de assédio exercido sobre os jogadores de futebol por vários tipos de fãs e torcedores, em particular fãs do sexo feminino. Ramon teve dois filhos com a primeira esposa.

No entanto, sua carreira inicial — quando despontou como jogador que contribuiu para o pentacampeonato do time, que chegou a artilheiro do campeonato brasileiro em 1973, e foi cogitado para a seleção brasileira formada para disputar a copa do mundo de 1974 na Alemanha — foi acompanhada de um casamento infeliz, marcado por cenas de ciúme. Tal como relata, procurou sublimar sua infelicidade doméstica concentrando sua raiva na feitura de gols nos times adversários. Seus companheiros de time e de vestiário compartilharam a visão dos arranhões que eventualmente o seu corpo apresentava e apostavam segundo esses sinais no bom desempenho de Ramon no jogo.<sup>19</sup> O fim litigioso de seu primeiro casamento acabou dificultando seus planos de compra de vários imóveis para a garantia de seu futuro, quando não fosse mais jogador de futebol. Não sem dificuldades, conseguiu comprar uma casa para si e outra para seus pais, livrando-os do espectro da devolução da casa da vila operária à usina após a aposentadoria do pai.

Ramon foi também favorecido pelos anos iniciais do campeonato brasileiro e com a continuação da quebra do monopólio de fato que tinham os times do Rio e de São Paulo no cenário nacional. Com o novo campeonato, acentuou-se a ascensão dos times mineiros e gaúchos — ascensão que já se fazia notar no time da copa de 1970, com Tostão, Piazza, Everaldo, etc. Se os times pernambucanos e de outros estados aparecem menos em termos de títulos, certamente entre seus feitos está a artilharia de Ramon no campeonato brasileiro de 1973.

Em 1976, o Santa Cruz, tentado a fazer finanças com a venda do passe de Ramon (que também ganharia financeiramente com a transferência de clube), valorizado por suas atuações no

---

<sup>19</sup> Nos anos de 1950, a torcida do Fluminense também acompanhava apreensiva o desenrolar do romance e da vida doméstica de Didi e Dona Guiomar, que afetava seu desempenho em campo. A sua ida para o Botafogo parece ter tido a ver com uma receptividade maior por parte da direção do novo clube para propiciar um ambiente isento de rumores, mais favorável ao casal.

campeonato brasileiro, vendeu seu passe para o Internacional de Porto Alegre, que formava uma forte equipe — geração do meio-campista Falcão. Antes, o Santa Cruz e Ramon haviam recebido uma proposta de transferência por parte de um clube português. Do ponto de vista econômico, a proposta significaria uma possibilidade de independência financeira difícil de ser alcançada no Brasil, ainda mais por um jogador de clube pernambucano, numa época em que as transações internacionais de jogadores brasileiros para times europeus não haviam alcançado os níveis dos anos 1990 e 2000. Na recusa de Ramon para que a transação internacional se efetivasse, valeu o apego à família de origem e especificamente o apelo da mãe para que não fosse para tão longe. Aqui parece ter pesado o *habitus* da imobilização da força de trabalho nos engenhos e usinas em que viveram seus pais, e com o qual Ramon, com novo casamento em vista, talvez estivesse inseguro de romper.

A proposta do Internacional, possibilidade de ascensão profissional de Ramon e do Santa Cruz no mercado de jogadores após a chance perdida da proposta portuguesa, foi então aceita. Lá chegou a ser dos principais artilheiros, mas se machucou no duro campeonato estadual do Rio Grande do Sul e acabou sendo considerado “leve” e “franzino” para a tradição do estilo gaúcho. Com essa inadequação, sentida pelo clube e pelo próprio atleta, ele voltou seis meses depois para Recife, numa troca de jogadores envolvendo o Internacional e o Sport Club Recife. A passagem por outro clube de outra cidade, clube visto como mais bem situado naquele momento no futebol nacional, acabou sendo o pretexto usado por clubes posicionados numa polaridade rival com outro, para adquirir seus ídolos, tentando minorar os problemas com as duas torcidas caso a passagem fosse direta. Assim, o Grêmio porto-alegrense comprou o ídolo mulato de seu arqui-rival Internacional, o Tesourinha, ponta direita da seleção de 1950, depois que este havia passado pelo Vasco da Gama, acabando por quebrar o preceito implícito vigente no tricolor gaúcho da não-contratação de negros.<sup>20</sup> Assim como

---

<sup>20</sup> Cf. DAMO, A. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Football Porto-Alegrense e seus torcedores*. 1998. 247 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 1998.



Tesourinha era identificado demais com o Inter, Ramon era visto como Santa Cruz demais para dar certo no Sport. O próprio Ramon parece ter encarnado inconscientemente esse *habitus* pouco profissional da rivalidade clubística polarizada e mal conseguiu marcar gols, sua forte característica desde o time da usina, pelo seu novo clube pernambucano. Pouco tempo depois recebeu uma proposta do Vasco da Gama, do Rio, então com um forte time em formação. Assim, em praticamente um só ano foi procurado por três clubes, sinal de que, desde a oferta do clube português, estava valorizado no mercado de jogadores profissionais, projetado por suas atuações no campeonato brasileiro.

No Vasco permaneceu até 1979, fazendo dobradinha com Roberto Dinamite e com ele disputando a artilharia. Em contraste com seu mal-estar no Inter e no Sport — mal-estar cruzado entre o distante, frio e ríspido ambiente futebolístico gaúcho e a próxima e quente rivalidade na própria terra —, Ramon encontrou um ambiente favorável no Vasco, onde, como no Santa Cruz, conseguiu fazer render as virtudes de seu profissionalismo cultivado desde suas experiências juvenis com os horários da usina. Talvez a experiência bem-sucedida do Vasco com grandes jogadores pernambucanos do passado, como Ademir Meneses, Vavá e Almir Pernambuquinho, predispusesse o clube a investir nessa contratação, assim como tal fato tivesse algum peso no pensamento de Ramon, como parte da cultura futebolística do torcedor pernambucano partilhada pelo próprio jogador. Esses dois jogadores citados foram crias do Sport e não do Santa Cruz, enquanto Ramon foi para o Vasco como jogador do Sport. Num futuro próximo ao tempo de Ramon, outros jogadores dessa linhagem foram Juninho Pernambucano e Ricardo Rocha.

No Vasco da Gama, Ramon foi novamente ídolo de clube, embora, neste caso, tivesse sido secundarizado por Roberto Dinamite. Com esse centro-avante, no entanto, soube achar um lugar como segundo atacante, deslocando-se para a ponta esquerda. Nesse período, participou do forte time do Vasco e foi novamente cogitado para a seleção brasileira que disputou a copa do mundo de 1978, na Argentina.

Após seu auge no Vasco da Gama, Ramon jogou alguns anos pela equipe em ascensão do Goiás e, posteriormente, permaneceu no futebol cearense, com uma passagem pelo time de São José dos Campos, em São Paulo. Nos times do Ceará e do Ferroviário, Ramon voltou a ser ídolo de torcida, e no último

clube iniciou sua carreira de técnico de futebol, neste time que curiosamente também é um clube de origem operária. Os filhos de seu segundo casamento, crescidos no estado do Ceará, ali permanecem, enquanto Ramon passou a circular nos ambientes de futebol entre Fortaleza e Recife. Ao entrevistá-lo em 2006 e 2007, ele estava há alguns anos como funcionário do Santa Cruz e vinha de uma experiência de técnico das divisões de base, participando da revelação de jogadores como Rivaldo, originário da localidade de tradição têxtil de Paulista, na área metropolitana do Recife, jogador das seleções das copas de 1998 e 2002.

Em Pernambuco participou ainda nos últimos anos da recuperação do sindicato dos jogadores profissionais de futebol, tentando livrá-lo de uma experiência anterior de má administração e enfrentando ameaças físicas e morais. Ramon conseguiu assim firmar-se como profissional do mundo do futebol, mesmo após sua aposentadoria como jogador. Ao contrário de um pequeno número de outros ex-jogadores de um período anterior, entre os anos 1950 e 1960, que conseguiram estudar na universidade paralelamente à sua prática no futebol profissional, Ramon tinha por projeto de futuro a carreira no mundo do futebol, que vinha de lhe abrir perspectivas mais amplas (em termos das hierarquias sociais prevaletentes) que as do mundo das usinas açucareiras.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> “Você treina, treina muito forte, muito duro, às vezes por dois períodos e, no nosso tempo, por exemplo, não tinha assim a oportunidade de estar saindo de concentração para estudar. O treinador naquele tempo segurava um pouco. Para você ter uma idéia, eu ‘concentrava’ na sexta-feira, após o coletivo à tarde para jogar no domingo. Aí, era liberado para ir para casa. Na terça-feira você concentrava à noite para jogar na quarta-feira. Alguns, como Ivan e outros, chegaram no treinador e exigiram para sair para estudar. Eu, uma pessoa humilde, vindo do interior (...) O que eu tenho para vencer na vida é isso aqui, vou dedicar toda a minha força, toda a minha ficha naquilo que eu tenho, que é, realmente, a habilidade, a técnica, a velocidade. De ser um jogador em nível de seleção brasileira. (...) Infelizmente, não tive essa oportunidade de estudar. Estudei, mas estudei pouco, lá no Colégio Nossa Senhora das Graças, em Sirinhaém. Chegando aqui, na categoria de base, ainda estudei no Colégio Municipal, na rua da Soledade. Depois, a vida foi dedicada totalmente ao futebol. Aí, eu fiquei um pouquinho para trás, você fica para trás” (RAMOS, Ramon da Silva, “Depoimento”, *Estudos de Sociologia*, vol. 14, n. 2, p. 234). A referência ao ex-jogador Ivan, no trecho anterior, refere-se a um ex-jogador do Náutico, das décadas de 1950 e 1960, que estava presente na mesa redonda em que

Sua trajetória indica assim as possibilidades inscritas no percurso que vai da vila operária da usina de açúcar, e de sua pequena cidade adjacente, ao mundo do futebol brasileiro dos anos de 1970, principalmente, e dos seguintes. Foi projetado regionalmente pela equipe hegemônica no futebol pernambucano no início de sua carreira e nacionalmente pela disputa do campeonato brasileiro em sua formação inicial. Embora pudesse anteceder a grande frequência e a quase irrecusabilidade da passagem por um time europeu para continuar valorizado no mercado internacionalizado de futebol que tem caracterizado as décadas de 1990 e de 2000, não o fez. É como se ele tivesse interiorizado os mecanismos do mercado de trabalho dos operários de usina de açúcar, caracterizado pela imobilização mediante a concessão da moradia anexa ao trabalho, mas também pela possibilidade de mobilidade entre as usinas e, mesmo no caso de uma minoria mais qualificada, da transferência de usinas para fábricas de outros setores. A ida para o exterior pareceu transcender a essas expectativas de futuro. Além do peso do apelo para a permanência do filho pródigo pela família de origem, a instabilidade matrimonial entre um casamento e outro deve ter fragilizado a escolha pela ida para o futebol português. No entanto, os limites do tamanho do futebol brasileiro foram explorados pela trajetória de Ramon: da experiência gaúcha ao auge carioca, da ida a Goiás e ao interior de São Paulo até o Ceará.

Esta trajetória de Ramon é corroborada pela de seu companheiro de pentacampeonato no Santa Cruz do início dos anos 1970, Givanildo. Também procedente das divisões de base do clube, recrutado do futebol de times dos bairros populares de Olinda, o volante Givanildo foi transferido do Santa Cruz

---

tanto Ramon quanto ele deram seus depoimentos. Ivan formou-se em odontologia e hoje exerce a profissão de dentista. Por seu depoimento e de alguns outros dirigentes de clubes, no mesmo seminário, é de se pensar a hipótese de que a clivagem de classe, que marca no Rio e em São Paulo a passagem do amadorismo para o profissionalismo nos anos 1930 e 1940 (e a possível persistência no profissionalismo de jogadores com origens situadas nas classes superiores às classes populares nas mencionadas décadas), possa ter se dado mais adiante nas décadas de 1950 e 1960 em Recife.

para o Corinthians de São Paulo em 1976, quando chegou a jogar pela seleção brasileira em 1977, nas eliminatórias da copa da Argentina em 1978. Com boas atuações e bem querido no clube paulista, antecipou sua saída do clube e retornou a Pernambuco em razão de problemas de saúde de uma filha pequena, diante de sua inadequação ao clima frio e poluído de São Paulo. Depois de uma curta volta ao Santa Cruz, seu passe continuou valorizado no futebol nacional e ele se transferiu para o Fluminense, do Rio de Janeiro. Mas sua passagem pelo clube carioca durou pouco, sendo ele comprado pelo Sport, o rival do Santa Cruz, repetindo o padrão de transferência para o time inimigo do clube inicial com o qual o jogador era identificado, após sua passagem pelo território neutro do futebol nacional. No Sport, Givanildo se deu melhor que Ramon e tornou-se também ídolo do clube rival. Nesse clube, começou sua carreira de técnico, embora a tenha desenvolvido mais em Alagoas, no interior de São Paulo e no Pará, trajetória de técnico esta que tem semelhanças com a de Ramon.<sup>22</sup> Como jogador, Givanildo não chegou a ser cogitado pelo futebol internacional, como o foi Ramon, que recusou a oferta.

Nos anos seguintes, os pretendentes a jogadores já naturalizaram as possibilidades de ida precoce ao exterior, num mundo futebolístico de fato globalizado.<sup>23</sup> Por outro lado, se de fato a forma peculiar pela qual Ramon incorporou vida afora o seu *habitus* operário de origem tem um peso em suas decisões, para as gerações seguintes a aparência de permanência que podia ter certo mundo operário se transformou em experiências frequentes de instabilidade, de mobilidade e de tentativas de novas formas de profissionalização. Tais tentativas são frequentemente bloqueadas e frustradas pelo próprio ritmo acelerado (para não dizer “insustentável” do ponto de vista da sociedade, como diria um Polanyi renovado pela linguagem ambiental) das transformações levadas a efeito pelas elites

---

<sup>22</sup> Cf. CAVALCANTE, M. *Givanildo, uma vida de luta e vitórias*. Recife: Edições Bagaço, 2006.

<sup>23</sup> Para uma análise do futebol globalizado do final dos anos de 1990, ver LEITE LOPES, J.S., “Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da copa de 1998”, *Estudos Históricos*, n. 23, set. 1999. (com a colaboração de J.P. Faguer).

econômicas dominantes. Mas, entre tais tentativas, está a grande “peneira” do futebol profissional de primeira divisão, e, dentre suas regras atuais (embora não necessariamente eternas), está o horizonte da ida para o exterior. Quanto ao horizonte nacional do exercício da profissão, diferentemente da geração de Garrincha, Nilton Santos, Telê, Dida e outros da geração anterior que produziu jogadores de um clube só, a trajetória de Ramon bem exemplifica as possibilidades abertas para sua geração pelo campeonato brasileiro nacionalmente estabelecido.

## **FROM THE SUGAR MILL TO THE TOP OF THE WORLD'S NATIONAL SOCCER: THE STORY OF A WORKING CLASS PLAYER**

### **ABSTRACT**

This article aims to analyze the trajectory and life story of the ex-football (soccer) player Ramon (who played in Santa Cruz of Recife, Internacional of Porto Alegre and Vasco of Rio, and had been selected for an intermediate formation of the Brazilian scratch in the late 70's), who began as a young worker in the sugar mill Trapiche, in Sirinhaém, Pernambuco. His trajectory may contribute to shed light, comparatively with others, into the characteristics of ex-players of factory or enterprise football that are taken into account in the specialized literature. Thirty years after studying the workers of this sugar mill for the book "The steam of the devil; the labor of sugar-mill workers", my meeting with Ramon, shared with research-fellows of the Sociology of Football Center of the Federal University of Pernambuco, gave place to several interviews. This gave me the opportunity to examine new aspects of the sugar-mill universe and to compare Ramon's worker-player trajectory with that of the famous ex-weaver Garrincha, studied in a previous article.

### **KEYWORDS**

worker-player; factory soccer football; sugar-mill; professional soccer football; professional player life-story.



[Em destaque Ramón no jogo do Santa Cruz contra o Comercial. Foto publicada na revista *Placar*, São Paulo, n. 197, 21 dez. 1973, p. 10-11]. (Coleção CPDS, R/1379, Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP, Campinas, SP.)